

# DAS MEMÓRIAS AFRICANAS ÀS RELAÇÕES COTIDIANAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O DANCEHALL

FROM AFRICAN MEMORIES TO EVERYDAY RELATIONSHIPS: AN EXPERIENCE  
REPORT WITH DANCEHALL

DE LOS RECUERDOS AFRICANOS A LAS RELACIONES COTIDIANAS: INFORME  
DE UNA EXPERIENCIA CON DANCEHALL

José Jander Teixeira de Oliveira<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Arlene Stephanie Menezes Pereira<sup>2</sup>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

Kaline Lígia Estevam de Carvalho Pessoa<sup>3</sup>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo tecer um relato de experiência sobre o Projeto “Feira Afro”, realizado em 2019 e interpretar a relação dos participantes da dança Dancehall em seu cotidiano escolar. O cenário da pesquisa foi a Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira, localizada no Distrito IV, bairro José Walter em Fortaleza/CE. A coleta de dados ocorreu de outubro a dezembro de 2021 na escola, após o retorno das escolas municipais ao modo presencial (período anterior ocorrido de modo remoto em virtude da pandemia de covid-19) através de questionário semiestruturado. Participaram da pesquisa cerca de 38 alunos, porém, somente 11 responderam ao questionário. Considera-se que houve uma relação significativa do processo de rememoração feita pelos estudantes e suas relações com as culturas de matrizes africanas.

**Palavras-chave:** Dancehall; Dança; Ensino.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) e em Dança pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Efetivo da Rede Municipal de Fortaleza. E-mail: [jander.prof.teixeira@gmail.com](mailto:jander.prof.teixeira@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9224-3517>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0185368536505452>.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Líder do grupo de pesquisa Corponexões: corpo, cultura e sociedade. E-mail: [stephanie\\_ce@hotmail.com](mailto:stephanie_ce@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3042-538X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6058632073001777>.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da educação Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro-Portugal (UTAD). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Vice-líder do grupo de pesquisa Corponexões: corpo, cultura e sociedade. E-mail: [kaligia.tc@hotmail.com](mailto:kaligia.tc@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3667-4299>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0493412926092827>.

## Abstract

The present article aims to weave an experience report on the “Feira Afro” Project, which was carried out in 2019, as well as to interpret the relationship of Dancehall dance participants in their school routine. The research setting was the Municipal School of Full Time Diogo Vital de Siqueira, located in District IV, José Walter neighborhood in Fortaleza-CE. Data collection took place from October to December 2021 at school, after the municipal schools returned to presential classes (the previous period occurred remotely due to the COVID-19 pandemic) through a semi-structured questionnaire. Around 38 students participated in the research, but only 11 answered the questionnaire. It is considered that there was a significant relationship between the process of remembrance carried out by the students and their relationships with cultures of African origin.

**Keywords:** Dance hall; Dance; Teaching.

## Resumen

El objetivo de este artículo es informar sobre la experiencia del proyecto "Afro Feria", que tuvo lugar en 2019 e interpretar la relación entre los participantes de la danza Dancehall y su cotidiano escolar. El escenario de la investigación fue la Escuela Municipal de Tiempo Completo Diogo Vital de Siqueira, ubicada en el Distrito IV, barrio José Walter en Fortaleza-Ceará. La recolección de datos se llevó a cabo de octubre a diciembre de 2021 en la escuela, después de que las escuelas municipales volvieran a sus actividades presenciales (período que anteriormente se realizaba a distancia debido a la Pandemia de COVID-19), utilizando un cuestionario semi-estructurado. Alrededor de 38 alumnos participaron en la investigación, pero sólo 11 respondieron al cuestionario. Se considera que hubo una relación significativa entre el proceso de recordación realizado por los alumnos y su relación con las culturas de matrices africanas.

**Palabras clave:** Dancehall; Danza; Enseñanza.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo tecer um relato de experiência sobre uma intervenção que foi fruto do Projeto “Feira Afro”, realizada no ano de 2019, na Escola de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira, localizada no bairro José Walter na cidade de Fortaleza/CE, e que ocorreu nas aulas de Educação Física com jovens do 7º ano, turmas A, B, C e D.

A cultura tem um enorme poder de esclarecer, aceitar e ressignificar pensamentos diferentes e utilizamos, a partir dessa pesquisa, a dança Dancehall como viés para religar as matrizes africanas às relações cotidianas vivificadas na escola.

Merleau-Ponty (1999) direciona percepções e escolhas pessoais do indivíduo à sua subjetividade, seus processos enquanto sujeito, único, singular, com sensações ímpares. Acerca disso, Pereira (2019) nos diz que tal relação de devir destaca-se por constantes modificações nos sujeitos ao longo do tempo em uma relação direta entre o ambiente e a corporeidade, tanto através do corpo físico propriamente dito, como através do complexo de imagens que constituem o corpo afetivo. Trouxemos a relação de corpo físico e corpo afetivo integrado ao movimento que o corpo adquire através da memória. Corrobora-se tal afirmação com o que nos dizem Pereira e Gomes (2018): “A corporeidade está envolvida



com a dimensão sensível do mundo vivido, envolta em toda a reflexividade e reversibilidade de sentidos” (p. 124).

Os corpos politizados pelo eurocentrismo são corpos que não reconhecem suas próprias raízes. Esquecem seus antepassados e deixam os costumes, a cultura, ainda que alguns nem sequer tenham aprendido sobre sua ancestralidade. Falar de danças de matrizes africanas é quebrar o estereótipo de corpo dócil, corpo manipulado, corpo obediente. É afirmar as tradições negras no contexto atual de sociedade e romper com os padrões estabelecidos pela sociedade.

Religar as matrizes africanas às relações cotidianas é acionar uma proposta de corpo-memória, resgatando lembranças a partir de ações, como vemos na dança Dancehall, permitindo ao corpo recordar o que desse material ainda está vivo no praticante. Podemos dizer que uma vez o corpo sendo acionado por atividades e vivências, o que aqui nesta pesquisa se destaca com a prática do Dancehall, ele é capaz de resgatar memórias da prática, conseqüentemente sendo capaz de resgatar a ancestralidade que há em cada corpo, dando vida à sua negritude.

Na escola de tempo integral do município, por já haver dentro do Projeto Político-Pedagógico dessas escolas as disciplinas chamadas “Eletivas”, os professores tendem a ter um laboratório prático para trabalhar duas ou mais áreas de conhecimento e/ou componentes curriculares com o objetivo de proporcionar diferentes contextos criados unicamente nas suas disciplinas. Assim, estudar diferentes propostas gerará diferentes tessituras para os estudantes em todas as áreas de suas vidas, principalmente por haver a possibilidade de se elaborar questões culturais dentro da interdisciplinaridade e interculturalidade.

A dança Dancehall foi trabalhada durante o evento “Feira Afro”, fazendo com que os participantes pudessem vivenciar esse objeto de saber científico dentro do contexto escolar através da dança. Essa aproximação permite aos estudantes experimentarem e compreenderem o que são os saberes científicos ao passo de também testarem suas veias científicas, enquanto cientistas imbuídos na prática da pesquisa, e suas habilidades artísticas, participando da proposta em dança, ainda que não possuíssem habilidades para a dança.

Para melhor compreensão leitora, o texto subdivide-se em quatro seções: “Introdução”, na qual se explicitou a temática e o objetivo do estudo; “Percurso teórico-metodológico”, em que se esclareceu a coleta de dados, lócus de pesquisa e como se deu a intervenção; resultados e discussões em que fez-se o relato do projeto propriamente dito



e suas nuances; e “Considerações finais”, seção em que se retomou o objetivo do estudo, compilando os principais resultados, e inferiu-se sugestões.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada é do tipo relato de experiência, que versa acerca de fatos narrados (GOMES; PEREIRA; SANTIAGO, 2021), entrecruzando os dados a partir de um questionário realizado com alunos do 9º ano em 2021. A partir do relato de experiência acerca de um evento, também interpreta-se a relação dos participantes da dança Dancehall em seu cotidiano escolar, enquanto contexto social, cultural, corporal, em gênero e raça.

O evento “Feira Afro”, ocorrido em 2019, consistiu em ser rememorado no ano de 2021, por meio da ligação entre a memória e as apreensões instantâneas do tempo real. As áreas de conhecimento que foram abordadas no projeto didático-pedagógico de intervenção curricular envolveram os componentes Educação Física, Arte e os Temas Transversais. Notamos que ainda há pouco material produzido sobre essa dança, o que nos permitiu o uso de diversos documentários que serviram de base teórica para os pesquisadores desse estilo retirarem informações convenientes para suas pesquisas.

A intervenção ocorreu na Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira, uma escola pública da Rede Municipal de Educação, em Fortaleza/CE. A escolha se deu por ser a escola em que o primeiro autor leciona. Desse modo, a pesquisa foi realizada em formato de projeto durante as aulas de Educação Física e disciplinas Eletivas. A turma escolhida há época para o evento foi a do 7º ano do Ensino Fundamental II de 2019, assim, o questionário acerca das memórias foi aplicado dois anos depois, quando os alunos já se encontravam no 9º ano, em 2021, em quatro turmas (A, B, C e D).

A escola não possuía o costume de trabalhar relações étnico-raciais em seus conteúdos, embora algumas particularidades do trabalho com a Lei n. 11.645/2008 acontecessem mais nas disciplinas e no componente curricular de História ou componente curricular Arte, de modo mais enfático.

A disciplina Eletiva contempla o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, mas percebe-se que as ações voltadas para as vivências e desdobramentos de conteúdos de matrizes africanas e interculturalidade ainda não estão, efetivamente, contidas no PPP. Isso dificulta propor uma rotina de atividades que trabalhem essa temática obrigatória no contexto escolar, mesmo assim o projeto ganhou corpo para que pudesse ser implementado como “culminância” das atividades propostas.

Pela proposta curricular contida no PPP, a disciplina Eletiva (2019) foi realizada entre



o componente curricular Educação Física e Temas Transversais, relacionados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nela, foram abordadas temáticas sobre a dança Dancehall, passando por diversas atualizações a partir de um projeto maior denominado “Feira Afro”.

A “Feira Afro” foi realizada no 2º semestre do ano de 2019, cujo envolvimento da escola passou por todas as turmas do Ensino Fundamental II (7º ano). As temáticas como preconceito, etnia, racismo e negritude fizeram parte da essência da feira, pois as discussões no período do evento foram distribuídas em um encontro por semana durante quatro meses.

Esses temas também foram abordados nas aulas de diversos componentes curriculares, em especial, na Educação Física, uma vez que a dança Dancehall vem carregada de um emaranhado de conhecimentos na sua constituição histórica.

É necessário relatar, ainda, que houve uma diminuição drástica da participação dos estudantes durante o período remoto, ocasionado pela pandemia de covid-19, fato que, segundo Sousa, Pereira e Fialho (2021) “Destaca-se, com efeito, o alto índice de evasão escolar de maneira geral, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior e nas mais diversas modalidades” (p. 13). Em virtude de os estudantes possuírem diferentes contextos sociais e financeiros, as aulas foram acompanhadas por 1/3 da turma, o que, de 38 alunos por sala, cerca de 16 acompanhavam de modo virtual. A outra metade não possuía aparelhos para assistir a aula, ou, mesmo com os aparelhos, não possuíam pacote de dados suficiente para assistir a aula.

A continuidade da pesquisa foi pensada em virtude do constante trabalho com danças de raízes negras e africanas que permeiam nosso meio social, ainda passíveis de preconceito e racismo e ainda a obrigatoriedade do estudo de história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino, contida na Lei n. 11.645/2008 (SANTIAGO; MAIA; PEREIRA, 2021).

A pesquisa aplicada foi de campo, de tipo exploratória com abordagem qualitativa e está relacionada com o aprofundamento dos fatos, pois é tipo de estudo que lida com a subjetividade dos acontecimentos, trabalhando assim com valores, crenças, hábitos e opiniões.

Como público-alvo, tivemos os estudantes que participaram da “Feira Afro” no ano de 2019 que permaneceram na escola no ano de 2021. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado, em que os estudantes responderam a perguntas relacionadas aos objetivos da pesquisa, com total de 11 estudantes respondentes. Todas



as perguntas foram relacionadas à memória dos participantes durante a Feira Afro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fontes de pesquisa nos mostram que o estilo musical influenciou diretamente a criação da dança e, quanto ao surgimento do Dancehall como estilo musical, há uma ligação direta com o estilo musical popular jamaicano que nasceu no final da década de 1960 em Kingston, capital da Jamaica, com raízes no reggae, com um ritmo consideravelmente mais rápido.

De acordo com Mintz e Price (2003, p. 29) o reggae é uma:

[...] conexão contemporânea mais explícita entre Brasil e Jamaica, está mais associado, por terem trazido em sua letal travessia pelo Atlântico a memória das formas musicais ouvidas e cantadas em suas comunidades, que comprovadamente serviram de base para a síntese musical que inventou os gêneros praticados em todo o Caribe, além da Jamaica e do Brasil. São grupos oriundos da chamada África central e ocidental, que se estende do território hoje conhecido como Nigéria até Angola. Eles trouxeram para o Novo Mundo uma diversidade marcante em muitos aspectos, principalmente em relação à língua, mas também experimentaram em sua terra de origem uma relação de proximidade e compartilhamento cultural.

Inicialmente era um estilo um pouco vulgar, pois contrariava de certa maneira as suas origens, pois as relações políticas e de religião vinculadas ao Reggae Roots (reggae tradicional) retratavam temas de festa, violência entre as gangues e a sexualidade. Na história do Dancehall, as danças eram realizadas em casas de shows e festas. O teor de várias letras possui conotação sexual e interfere diretamente no modo de dança dos homens e mulheres. Os passos masculinos possuem certa movimentação do quadril sempre para frente, enquanto os passos femininos acentuam a movimentação do quadril e movimentação do glúteo.

O Dancehall foi criado na Jamaica por volta dos anos 80, dançada na música que tem o mesmo nome. Assim como as criações de alguns estilos de dança do Hip Hop, apareceu nas festas com passos sociais que têm seus nomes e seu estilo com influências do Hip Hop, assim como o Hip Hop também tem influências das danças de matrizes africanas, o que originou esse estilo.

No Brasil, houve o surgimento da música Ragga/Dancehall nos anos 1990, nas periferias da Grande São Paulo. Mesmo sem fazer propriamente o estilo ragga, grupos como Defalla, Skank, Planet Hemp e o Rappa deram uma importante contribuição ao mostrar ao grande público canções com forte influência desse estilo. Percebe-se que sempre há uma forte relação entre a música e, conseqüentemente, a dança desse estilo.





O Dancehall passa por diversas transformações durante a evolução do reggae, ragga, raggaeton (considerados tradicionais da Jamaica) até chegar nas modificações e modernizações das batidas da música através dos “sound systems”, que eram as gravações com pegadas mais eletrônicas das músicas jamaicanas. A partir das músicas trazerem uma batida mais eletrônica, ficaram mais modernizadas, inclusive sendo tocadas através de um DJ, que fazia determinadas montagens, construções e desconstruções a partir da mesa de som. Desencadearam diversas propostas de danças de matrizes africanas, porém com perspectivas mais modernas.

Além disso, encontramos espaço para falar dos temas transversais através da dança, uma vez que o Dancehall jamaicano possui passos específicos dançados por homens e passos específicos dançados pelas mulheres, chamadas de “dancehall queens”. Vê-se nessa riqueza de detalhes uma proposta sólida de colocar em prática esse estilo na escola.

Nos passos há uma distinção visível entre quais movimentos devem ser executados somente por homens e quais movimentos devem ser executados somente por mulheres. Em virtude de nesse período de criação do estilo até hoje a Jamaica estar vivendo em guerra civil, a discriminação com a dança é muito grande. Há uma perseguição muito forte contra homossexuais que também reflete na dança, uma vez que todos os homens que dançam só podem dançar passos masculinos e, de igual modo, as mulheres. Caso fossem descobertos fazendo passos diferentes de seus gêneros, as punições chegariam até a morte, o que demonstra o quanto o preconceito é gritante e a homossexualidade tem sido rechaçada nas comunidades jamaicanas.

No diálogo entre o objeto e a proposta de intervenção, expomos aqui parte dos resultados da pesquisa coletados entre as experiências memorizadas dos 11 (onze) participantes que se apresentam através de possíveis discussões no período de outubro a dezembro de 2021, quando as aulas presenciais retornaram no município de Fortaleza. No ano de 2019, cerca de 38 estudantes participaram do evento que deu início à proposta da pesquisa chamada de “Feira Afro”. Em 2021, somente 11 participantes ainda permaneciam na escola e foram através deles que a amostra foi realizada.

Percebemos que nos estudos de conteúdos de matrizes africanas, precisamos trabalhar o conceito de equidade não como pressuposto para tolerar o outro. A causa é conviver com as diferenças sabendo que estão presentes no cotidiano e afetam a história ao longo dos anos.

Os resultados foram apresentados em quatro categorias de acordo com as perguntas



feitas. A distribuição foi organizada em: Categoria I – Memória. A pergunta foi: Qual a memória que você tem da cultura afro na Feira Afro apresentada em 2019? A lembrança que você tem aflora a memória de ancestralidade que carrega? Categoria II – Dança. A pergunta foi: Qual a memória que você tem em dançar o estilo Dancehall na Feira Afro? Você acha que os movimentos têm relação com as danças africanas? Por quê? Categoria III – Raça. A pergunta foi: Para você, há alguma relação entre a dança Dancehall e o combate ao preconceito? Por quê? Categoria IV – Gênero. A pergunta foi: Sobre as danças africanas, como o Dancehall, você acha que o gênero (masculino, feminino ou outro) interferem na dança? E a sociedade, como se comporta sobre a Dança e os padrões de gênero?

Uma das propostas a levantar sobre essa temática é aumentar o acervo de informações sobre o Dancehall, as danças de matrizes africanas e a relação com a proposta escolar. Ainda não há material científico escrito em português referente à dança, dificultando mais ainda as investigações e o levantamento de informações sobre a temática.

A partir disso, a construção da “Feira Afro” passou por estudos sobre possíveis danças que carregassem as matrizes africanas em sua construção: Samba, Jazz; Dancehall, Maculelê e em todos os conteúdos estudados, partilhava-se a história da possível chegada ao Brasil e arriscava-se a realizar uma possível vivência prática baseada na construção de passos dentro daquele estilo. A construção da feira ocorreu a partir da escolha dos próprios estudantes sobre os materiais que iriam apresentar na culminância do evento. As divisões se organizaram em: tranças, comidas típicas, história, acessórios e dança.

Cada grupo formado pelos próprios alunos se encarregou de fazer um levantamento de tarefas e distribuí-las para que todos participassem. Vemos que algumas decisões trouxeram maiores lembranças do que outras, uma vez que os participantes da pesquisa lembraram bastante da dança e da oficina de tranças.

Verificamos que a memória que foi trabalhada para trazer as vivências da “Feira Afro” à tona, para o real, foram importantíssimas para a construção social de cada um dos estudantes participantes. As lembranças e os momentos afetivos foram tão valiosos a ponto de, ao se analisar a fala dos estudantes, poderem-se ver informações que não foram esquecidas, e que faziam parte de suas vivências culturais. Sobre isso, Oliveira (2021) nos fala que “A escola, como um agente que opera a construção do conhecimento é uma escola que abre espaço para a criação. Criação essa que vem dos estudantes, das suas vivências, dos seus desejos e dos seus prazeres” (p. 14).





Ao trabalharmos com a Categoria II – Dança, temos as seguintes respostas que nos auxiliaram na intervenção:

*Em uma das reuniões de encontro que a gente teve que falamos sobre as danças, falamos sobre Dancehall. Eu não sabia muito sobre ela, quase nada na verdade. Depois desses encontros aprendi bastante que o Dancehall é uma dança que traz um tema bem forte e que veio das ruas e que se usa bastante o quadril e o peitoral, que é bem parecido com o hip hop (Estudante E).*

Pelo comentário, existem características corporais típicas dessa dança africana, tais como: a predominância de movimentos que partem do quadril e do peitoral. Quando verificamos o movimento realizado pelas danças africanas, vê-se muitos estímulos partindo desses dois pontos do corpo humano. A corporeidade existente nas danças africanas faz com que os movimentos tenham evidência principalmente no quadril, em que o auxílio dos joelhos flertidos auxiliará no desenvolvimento das ações.

O Dancehall vem de fatores sociais vivenciados nas ruas da Jamaica. Parte dos passos criados fazem menção às guerras civis que ainda ocorre no país, fazendo com que as composições coreográficas também sejam processos políticos de resistência no tocante à cultura e aos anseios sociais da comunidade. É nessa relação de aprendizado, através da tradição, e não necessariamente da técnica, que a dança se perpetua na sociedade. Os movimentos precisam ser corporificados, vivenciados no corpo e não somente nas falas.

Quando trabalhamos com a Categoria III – Raça, chamamos atenção para os seguintes registros feitos pelos jovens:

*[...] quanto mais dançamos mais mostramos o quanto isso é importante e o quanto isso é necessário. Mostramos que isso faz parte da nossa cultura e de que por um momento nos conectamos com os nossos ancestrais e mostramos que a luta deles não foi em vão. A luta não acabou mais continuaremos em frente mostrando a nossa cultura e a nossa história (Estudante J).*

*[...] a dança Dancehall é uma arte e é importante por que é uma forma de luta contra o preconceito ainda, porque ainda tem gente preconceituosa que tenta mascarar o preconceito falando que a opinião só para ser preconceituosa com outras culturas (Estudante H).*

*[...] a dança Dancehall é uma arte e é importante por que é uma forma de luta contra o preconceito ainda, porque ainda tem gente preconceituosa que tenta mascarar o preconceito falando que a opinião só para ser preconceituosa com outras culturas (Estudante F).*

Percebemos que ações como essas trazem um processo de afirmação dos estudantes sobre seus direitos civis na sociedade. De afirmação de suas características



físicas, do seu cabelo ou outro adereço que possam usar fazendo menção à África. As relações com a diáspora africana não estão somente na dança, mas nos comportamentos e bandeiras que foram, são e serão levantados a partir de encontros educativos como esses. Guimarães afirma que:

[...] o modelo norte-americano exibia um padrão de relações violento, conflitivo, segregacionista, vulgarmente conhecido como “Jim Crow”, sancionando por regras precisas de filiação grupal, baseadas em arrazoados biológicos que definiam as “raças”. O modelo brasileiro, ao contrário, mostrava uma refinada etiqueta de distanciamento social e uma diferenciação aguda de status e de possibilidades econômicas, convivendo com equidade jurídica e indiferenciação formal; um sistema muito complexo e ambíguo de diferenciação racial, baseado sobretudo em diferenças fenotípicas, e cristalizado no vocabulário cromático (GUIMARÃES, 2009, p. 41).

Guimarães (2009) menciona o contexto histórico e de como o preconceito funciona no Brasil, diferentemente de como ocorre em estados norte-americanos. O preconceito aqui baseia-se no distanciamento e na perseguição fenotípica. Muitas vezes não há conflitos diretos, mas está enraizado na estrutura do país. As pessoas têm preconceitos com cor, com sotaque, com características físicas e respondem de algum modo se afastando.

Por fim, quando trabalhamos com a Categoria IV – Gênero, os alunos relataram que:

*Não interfere, mas vivemos em uma sociedade onde as pessoas dizem se um homem pode ou não dançar. Onde um homem não pode dançar balé ou uma mulher dançar hip hop porque dizem eles (sociedade) que balé é feminino demais é hip hop é bruto demais. Essa questão até mudou muito, a gente hoje vê muitos meninos dançando balé, mas sempre as pessoas vão duvidar da sexualidade dele por isso a gente ainda tem que lutar muito contra isso mais acredito que um dia a gente chega lá (Estudante B).*

*Nem todos aceitam a questão de gênero, então alguns criticam, infelizmente há pessoas que criticam homens/meninos por dançar, qualquer tipo de música, os chamam de muitas coisas!! Isso não deveria existir, até porque dança é uma forma de se expressar, para algumas pessoas é até mesmo um tipo de "terapia"... Várias pessoas têm preconceito com a dança e os gêneros das pessoas, infelizmente (Estudante E).*

*Não, a sociedade ainda tem preconceito com homem na dança, muito com homem no ballet, com a mulher dança break dance e hip-hop. Mais com tempo acho que eles estão aceitando mais (não totalmente), todos os gêneros e aprendendo apreciar (Estudante C).*

Os estudantes carregaram em seus discursos uma perspectiva de que a sociedade tradicional repudia a troca do estabelecido “padrão”: o homem tem que jogar bola, fazer lutas e esportes radicais, enquanto para a mulher cabe as modalidades de dança e ginástica



e esportes mais leves.

Na escola, a proposta, em especial na Educação Física, é realizar uma desconstrução de padrões de gênero para as modalidades. Uma vez que a proposta é futsal, todos, independentemente de sua condição ou escolha sexual, terão aprendizados sobre aquele conteúdo. Do mesmo modo acontece com as lutas e na mesma condição para as danças. Quando não estimulamos as vivências, os preconceitos aumentam e conseqüentemente há repulsa por determinados conteúdos. Tal fato também se dá por questões históricas sobre a própria Educação Física (PEREIRA; GOMES, 2018; PEREIRA, 2021).

Goellner (2003) fala que uma série de comportamentos e expectativas como o cuidado às crianças, a atenção à educação, às atividades como Ginástica e Dança, por exemplo, sempre foi direcionada às mulheres em função de seu carisma, graça e harmonia. Junto a isso, houve a interferência dos modos de ser e de estar de sujeitos sociais por meio de relações, silenciamentos, negações, disputas.

Essas interferências ainda hoje existem e precisam ser desconstruídas. As mesmas interferências eurocêntricas de que a dança com os homens se iniciou nos balés de corte, sendo dançadas pelo rei. Não é que a história esteja errada, mas de que história, de qual povo estamos falando? Quando falamos de dança, dança de matrizes africanas, temos dificuldades em afirmar como se iniciou e quando homens começaram a dançar. Não conhecemos a história dos povos negros, sempre esquecidos pela “história verdadeira”.

Precisamos dar continuidade a essa quebra de arquétipos que continuam dividindo a dança. Dicotomizando os processos. Scott destaca que:

O Gênero, então fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. Quando os/as historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política (SCOTT, 1995, p. 89).

Dança é um ato político. Dançar é uma ação política significativa e ressignificativa de padrões já estabelecidos. Quando a dança encontra espaço prático através de vivências no ambiente escolar, essa experiência é capaz de modificar o olhar dos estudantes sobre a temática. Eles passarão a aceitar mais e a verem mais normalidade nas participações, independentemente da modalidade que esteja sendo ofertada.

Para Duarte (2016), quando jovens meninos começam a dançar e a conviver no



mundo da dança muito provavelmente enfrentarão um duplo preconceito: dentro da própria família e no contexto social. Assim, faz-se necessário gerar desconstruções capazes de oferecer propostas para os estudantes de ambos/amplos os gêneros e apoio para as participações dentro do contexto de preconceito.

Na escola em que o projeto foi aplicado, conseguiram-se diversos avanços sobre a participação de homens na dança, ainda que também se tenha encontrado bastante dificuldade na aceitação pelos familiares e ainda dos próprios estudantes, mesmo que muitos tenham mudado de opinião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto objetivamos relatar a experiência sobre uma intervenção que foi fruto do Projeto “Feira Afro” na Escola de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira. A “Feira Afro” (2019) foi um projeto potente o suficiente para ficar na memória dos estudantes participantes, pois, mesmo após dois anos do evento, deparamo-nos com informações tão vivas sobre o momento e o que ele proporcionou para a aproximação do cotidiano escolar com as matrizes africanas através do Dancehall.

Foi necessária a proposta interdisciplinar das escolas de tempo integral, capazes de proporcionar a junção de componentes curriculares para que um novo modo de ensinar pudesse ser criado. A partir dessa proposta, percebe-se, nas respostas dos estudantes, as relações e modificações criadas pela experiência da feira, uma vez que tiveram contato com a cultura de vários países de matrizes africanas e vivenciaram palestras sobre preconceito, danças, oficina de tranças, história e comidas típicas de regiões específicas.

Por meio da aplicação de questionário apresentado aos participantes de outubro a dezembro de 2021, as respostas foram separadas em seções para que a organização e o entendimento de cada momento pudessem ser realizados. Dos 38 alunos participantes em 2019, cerca de 11 estudantes responderam ao questionário, uma vez que ainda permaneciam na escola, enquanto os outros já haviam saído. Através da memória, percebemos as ligações com os objetivos da pesquisa, a exemplo do que ficou de lembrança do período do projeto, as influências posteriores na relação identitária afro-brasileira e no cotidiano da dança com a escola.

Com o objetivo de rememorar o projeto “Feira Afro”, interpretando as relações dos participantes com a dança Dancehall em seu cotidiano escolar, percebe-se que tanto o objetivo principal como os específicos foram contemplados. Percebo a compreensão da ancestralidade e a afirmação dela nos discursos dos participantes.



Para a resposta dos objetivos específicos, foram separadas as perguntas do questionário em seções: I – Memória; II – Dança; III – Raça e IV – Gênero, em que o *feedback* dos estudantes foi descrito conforme lembravam do evento. A dança, fator imprescindível da pesquisa, foi descrita pelos estudantes de modo minucioso, relatando a movimentação de tronco (descrito como peitoral) e quadril, típico das danças negras.

A temática Raça (III) e Gênero (IV) também foram expostas a partir da opinião dos participantes, relatando que se faz necessário dar uma atenção maior para essas temáticas (Temas Transversais) dentro das aulas, independentemente do componente curricular que esteja sendo abordado. A interculturalidade, fator significativo da pesquisa, está presente na proposta de relacionar contextos culturais entre Brasil e Jamaica (origem da dança Dancehall), porém, com bastante dificuldade devido ao acervo escasso de pesquisas.

Na pesquisa, houve relação significativa do processo de rememoração feita pelos estudantes e suas relações com as culturas de matrizes africanas. Os objetivos específicos foram respondidos intrinsecamente a partir dos questionários, potencializando a discussão dos Temas Transversais dentro dos componentes curriculares dentro da escola. Destaca-se ainda que a disciplina Eletiva contempla o PPP, da escola, porém, ações voltadas para as vivências e desdobramentos de conteúdos de matrizes africanas e interculturalidade ainda não estão contidas.

Recomendamos a continuidade do trabalho de incorporar o projeto “Feira Afro” no PPP da Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira. Acreditamos, por fim, que o conteúdo de matrizes africanas deve ser trabalhado de modo mais efetivo nas escolas.



## REFERÊNCIAS

- DUARTE, G. O. **Masculinidades dançantes em Pelotas/RS**. In: Paralelo 31, v.2. Pelotas, p. 78-87, 2016.x'
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S.V. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOMES, D. P.; PEREIRA, A. S. M.; SANTIAGO, J. S. Refazendo os percursos da disciplina bases socioantropológicas da Educação Física. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–17, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5503>. Acesso em: 17 out. 2023.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Siqueira de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MINTZ, S.; PRICE, R. **O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica**. Rio de Janeiro: Pallas/Universidade Cândido Mendes, 2003.
- OLIVEIRA, J. J. T de. **Processos inventivos na escola: A dança na arte e na educação física**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2021.
- PEREIRA, A. S. M. **Aninhá Vaguretê: reflexões simbólicas para a Educação Física no ritual do Torém dos índios Tremembé**. 2019. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- PEREIRA, A. S. M. **Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da Lei 11.645/08 na Educação Física escolar**. Fortaleza: Aliás, 2021.
- PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P. Dança encantada e de resistência: (trans) significações corporais no Torém dos índios Tremembé. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 120-129, jan./abr., 2018.
- PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P. Educación Física en Brasil: recorrido histórico educativo de 1851 a 2017. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 22, n. 238, p. 94-101, 25 mar. 2018. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/93>. Acesso em: 17 out. 2023.
- SANTIAGO, J. DA S.; MAIA, F. E. DA S.; PEREIRA, A. S. M. Posibilidades de aplicación de la temática afrobrasileña en Educación Física escolar. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 25, n. 263, p. 73-92, 21 abr. 2020.
- SCOTT, J. Gênero: uma Categoria útil de Análise Histórica, In: **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, V2, n2, p. 71-99, 1995.
- SOUSA, A. C. B. de; PEREIRA, A. S. M.; FIALHO, L. M. F. A história da educação do





Ceará em tempos de pandemia e o ensino remoto: memórias, conjuntura social e ressignificação do trabalho docente (2020-2021). **Revista Liberato**, [S. l.], v. 22, n. 37, p. 7–18, 2021. Disponível em: <https://revista.liberato.com.br/index.php/revista/article/view/678>. Acesso em: 18 out. 2023.

**Artigo recebido em:** 06 de novembro de 2023.

**Aceito para publicação em:** 19 de janeiro de 2024.

**Manuscript received on:** November 06, 2023

**Accepted for publication on:** January 19, 2024

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasi

